



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**MODALIDADE À DISTÂNCIA**

**MARIA ELIANE VIEIRA DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DA  
ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO**

**João Pessoa-PB**

**2016**

**MARIA ELIANE VIEIRA DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DA  
ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**Orientador: Prof. Me. Wilder Kleber Fernandes de Santana**

**João Pessoa-PB**

**2016**

S725i Sousa, Maria Eliane Vieira de.

A importância da leitura e escrita na perspectiva da alfabetização e do letramento /  
Maria Eliane Vieira de Sousa.– João Pessoa: UFPB, 2016.

48f.

Orientador: Wilder Kleber Fernandes de Santana

Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Alfabetização. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37:028(043.2)

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 31/10/2016

### **BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Me. Wilder Kleber Fernandes de Santana**

Prof<sup>o</sup>. \_\_\_\_\_  
Prof. Orientador: Me. Wilder Kleber Fernandes de Santana  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Convidada: Ma. Jéssica Lôbo Sobreira  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Convidada: Dr<sup>a</sup>. Hércia Macedo de Carvalho Diniz e Silva  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

## DEDICATÓRIA

Dedico sem restrições àquelas pessoas que souberam compreender-me e incentivar-me; todas essas pessoas poderiam ser mencionadas, mas não haveria espaço suficiente, enumerei a família, os amigos e os mestres. Mas, em particular, quero dedicar a Deus, pai misericordioso que guiou meus pensamentos para desenvolver minhas metas, a minha filha Nicole, meu raio de luz, que ao nascer, encorajou-me a prosseguir com mais vontade e firmeza até o fim, e, ao meu maravilhoso esposo Dantas, um companheiro excepcional que soube me entender e ajudar durante toda a caminhada.

Somos simples quando afirmamos assim e na pureza da dedicatória repassamos nossos votos de imensurável gratidão. Esse trabalho é para vocês, obrigada.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus dois grandes amores, Nicole e Dantas, por existirem e serem a razão do meu viver e a força que me impulsiona para a conquista dos meus objetivos.

À minha família que sempre me apoiou nos meus estudos.

Ao professor: Mestre Wilder Fernandes de Santana, pela orientação deste trabalho e compreensão.

À Renata Lina de Sousa, Secretária de Educação do Município de Bom Sucesso-PB, pela acolhida e compreensão das minhas ausências.

Aos colegas da turma da graduação em Pedagogia – Polo de São Bento, por compartilharem comigo suas experiências e angústias durante todo o curso.

Aos professores do curso de Pedagogia, principalmente a tutora presencial Marinez, bem como a coordenadora Jancivânia pela competência, orientação e preocupação com a formação e desempenho da turma.

Por fim, a todos que de alguma maneira contribuíram para realização deste trabalho tão árduo, porém engrandecedor.

“Aprendemos realmente quando conseguimos transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem. Processo permanente, porque nunca acaba. Paciente porque os resultados nem sempre aparecem imediatamente e sempre se modificam. Confiante porque aprendemos mais se temos uma atitude confiante e positiva diante da vida, do mundo e de nós mesmos. Processo afetuoso, impregnado ao carinho, de ternura, de compreensão, porque nos faz avançar muito mais”. (MORAN. 2013, p. 27-29)

## RESUMO

O presente trabalho intitula-se: A importância da leitura e escrita na perspectiva da alfabetização e do letramento, realizado através de uma pesquisa bibliográfica com enfoque descritivo, através de método dedutivo, tendo como objetivo geral: Realizar um estudo bibliográfico documental acerca da leitura e escrita em terreno brasileiro, bem como em alguns países latino-americanos. Assim, concebe-se a linguagem como forma de interação e construção de sentido e defende-se a leitura e a escrita como processos inerentes e substanciais para o processo ensino-aprendizagem na escola, pautando-se nas concepções teóricas de Antunes (2003), Cagliari (1999), Freire (2003), Koch (2006), Soares (2005), Kleiman (2006), Bakhtin (1979), bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2001), dentre outros. Desse modo, o domínio da leitura e escrita oferecerão alicerce para aprendizagem dos conteúdos mais complexos. Portanto, essa pesquisa permitiu concluir de forma enfática a importância do ensino-aprendizagem da leitura e escrita e sua concepção para torná-lo significativo enquanto prática social.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Alfabetização. Ensino. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This paper is entitled: The importance of reading and writing from the perspective of literacy and literacy, accomplished through a bibliographic research with descriptive approach through deductive method with the overall goal: Make a documentary bibliographical study about reading and writing in Brazilian land, as well as in some Latin American countries. So it is conceived language as a form of interaction and construction of meaning and defends the reading and writing as inherent and substantial processes for teaching-learning process in school, and are based on the theoretical concepts of Antunes (2003) Cagliari (1999), Freire (2003), Koch (2006), Soares (2005), Kleiman (2006), Bakhtin (1979) and the National Curriculum Standards for English Language (2001), among others. Thus, the reading and writing area will provide a foundation for learning more complex content. Therefore, this research concluded emphatically the importance of teaching and learning of reading and writing and its design to make it meaningful as a social practice.

**Keywords:** Reading. Writing. Literacy. Teaching. Learning.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO .....	9
2_ REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 - A importância da escola na inserção da criança na sociedade letrada .....	12
2.2 Letramento uma aventura prazerosa no Ensino Fundamental.....	13
2.3 Recursos didáticos materiais como agente motivador no processo de letramento .....	16
2.3.1 Lúdico .....	16
2.3.2 Textos diversificados e livro didático: instrumentos no processo de leitura e escrita .....	18
2.4 Interação pela linguagem: corroboração mútua.....	19
2.5 - Ato de ler e escrever: uma breve reflexão .....	22
2.5.1 O ato de ler e sua importância .....	22
2.6 Escola e professor: função, limites e possibilidades .....	27
3_ METODOLOGIA .....	41
3.1 Tipo de estudo.....	41
3.2 Fontes de estudo.....	41
3.3. Análise das fontes .....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS .....	45

## 1 - INTRODUÇÃO

Entende-se, baseando-se em Lajolo (2005), que a leitura é uma das atividades de maior importância para a formação do discente, portanto, esta deve ser trabalhada com prioridade na escola com o objetivo de formar leitores críticos. É através da prática da leitura que os discentes aprendem a defrontarem-se com a escrita em suas dessemelhantes modalidades, tornando-se proficientes ao uso desta de forma eficaz e compreensiva. Assim, percebe-se a importância de contextualizar o ensino, de forma a considerar os diversos gêneros textuais como fábulas, contos, poemas, dentre outros, a fim de que a criança descubra a função social da escrita.

Desse modo, o presente estudo tem como temática: A importância da leitura e escrita na perspectiva da alfabetização e do letramento. Compreende-se, a partir de Cagliari (1989, p. 85), que “aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico-gráfico, é tornar-se de fato um usuário da leitura e da escrita”.

Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem tenciona esmerar as competências das crianças com o intuito de melhorar o desempenho linguístico da criança, levando em consideração a integração e a mobilidade sociais das mesmas. Enquanto indivíduos inseridos em uma sociedade letrada, desenvolvendo o ensino numa perspectiva qualitativa e produtiva, pois a cognição do ato de ler e escrever deve ser usada para libertar, transformar e permitir que se aja sobre a sociedade, fugindo da alienação.

Isto posto, a realização desta pesquisa ocorreu após a inquietação sobre qual seria o significado e importância atribuídos a leitura e a escrita, tendo em vista, que o educando deve, já nos anos iniciais do ensino fundamental, participar de práticas sociais de leitura e escrita nas quais deve saber a finalidade dos textos que lê e produz, além de ter sempre a clareza do porquê escreve e/ou dos destinatários para quem escreve.

Com base nessas reflexões, esta pesquisa adotou a seguinte problemática: qual a importância da leitura e da escrita atribuídas à escola quanto às exigências da contemporaneidade para o desenvolvimento sociocognitivo da criança?

As hipóteses são: a leitura e a escrita, quando trabalhadas de forma dialógica e interativa, constituem um alicerce para o bom desempenho das crianças em todas as atividades escolares, bem como, a construção das diversas aprendizagens

indispensáveis para o crescimento social, cultural e intelectual das mesmas na sociedade letrada.

A partir do questionamento, elencaram-se os objetivos que conduziram à elaboração da pesquisa. Como **objetivo geral**, temos: Realizar um estudo bibliográfico documental acerca da leitura e escrita em terreno brasileiro, bem como em alguns países latino-americanos. E, como **objetivos específicos**: 1- Discernir as perspectivas da leitura e da escrita nas obras de Soares (2005), Cagliari (1999) e Kleiman (2006). 2 - Compreender a relação entre gêneros textuais e a leitura e a escrita como instrumento de inserção social para ampliação da visão de mundo da criança; 3 - Reconhecer a importância da leitura e da escrita como fundamento para a prática pedagógica dos professores.

Os autores que subsidiaram o estudo em pauta são Antunes (2003), Cagliari (1999), Freire (2003), Soares (2005), Kleiman (2006), Bakhtin (1979), Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (2001), dentre outros.

O presente trabalho justifica-se por proporcionar o aprofundamento teórico acerca do ato de ler e escrever como algo importante para o desenvolvimento/amadurecimento do desenvolvimento das crianças, bem como sua transformação cognitiva no e/ou com o mundo.

Para o desenvolvimento do trabalho, adotou-se como metodologia o estudo bibliográfico. Quanto à abordagem, optou-se por uma análise teórica, ancorada nos seguintes procedimentos: Pesquisa Bibliográfica a partir da revisão de literatura sob a temática abrangendo livros, artigos, revistas, entre outros, enquanto a pesquisa documental valeu-se de informações colhidas de trabalhos públicos e privados.

Este trabalho está organizado em três capítulos. Na Introdução apresenta-se a problemática que deu origem à pesquisa, bem como os objetivos e os motivos que justificam a realização da pesquisa.

O *segundo capítulo* refere-se aos paradigmas da leitura e escrita que irá portar subsídios para a importância da escola na sociedade letrada, bem como uma breve reflexão sobre a importância do ato de ler e escrever e a função, possibilidades e limites da escola e do docente. No *terceiro capítulo*, apresenta-se a Metodologia da pesquisa, indicando as obras e autores pesquisados na presente investigação, bem como os objetivos e relevância.

Na sequência, as considerações finais, focalizando os principais resultados e as contribuições captadas com a realização desta pesquisa. Nas referências são listadas as fontes e demais obras que fundamentaram este estudo.

Diante da teoria apresentada por vários estudiosos da Educação sobre leitura e escrita, visualizou-se de forma clara e designa que a leitura e a escrita consistem em um fundamento para o bom desempenho das crianças em todas as atividades escolares, bem como, a construção das diversas aprendizagens indispensáveis para o crescimento social, cultural e intelectual das mesmas na sociedade letrada.

## **2\_ REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 - A importância da escola na inserção da criança na sociedade letrada**

Estamos inseridos em uma sociedade na qual, as informações são transmitidas em um ritmo acelerado envolvendo inovações correspondentes a conhecimentos que serão aplicados no dia-a-dia, principalmente das crianças, em diversos lugares e situações variadas. Sobre isso Outeiral (2002, p.119) enfatiza:

Nossas crianças estão sendo expostas a um ritmo intenso. O enunciado básico é de que o tempo das crianças hoje é muito mais rápido do que o tempo dos adultos; refiro-me, evidentemente, ao tempo interno, tempo de elaboração das experiências, e não apenas ao tempo cronológico.

Na maioria das vezes essas informações são repassadas através da leitura e da escrita. Sendo que, logo cedo as crianças começam a entrar em contato com um mundo letrado, os jogos, os brinquedos, os livros, os computadores, os celulares, os tablets, fazem parte da vida das crianças antes da mesma frequentar uma escola.

Nas brincadeiras realizadas fora da escola, as crianças entram em contato com a leitura e a escrita de forma assistemática, e é nesse momento que surge o gosto pela leitura e a escrita, que aumentará cada vez mais à medida que a criança for incentivada e/ou acontecerá o inverso caso não exista o incentivo por parte das pessoas que estão em sua volta.

Quando a criança é levada à escola todo o seu conhecimento anterior será organizado de forma sistemática. O espaço escolar passa a ser um cenário repleto de descobertas e conhecimentos, onde gestores, professores e funcionários atuam como despertadores e auxiliares nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

O letramento das crianças se tornará um verdadeiro espetáculo, nos quais o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita será responsabilidade de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da escola. Começando pela entrada escolar até a chegada à sala de aula. Assim sendo, torna-se interessante que a criança tenha contatos com propagandas, cartazes, meios de comunicação, e outros materiais disponíveis na instituição escolar, que incentivem a lectoescrita. Acrescenta Barbosa (2006 p.27-49):

Acreditamos que no atual cenário de “desencanto escolar” motivar seria a palavra chave para o resgate do interesse pelo aprender, pois etimologicamente a palavra motivo vem do latim “movere”, “motum” e significa aquilo que faz mover, em consequência motivar significa movimento.

Todavia, torna-se importante ressaltar que além de recursos visuais, todos os funcionários da escola participem como alfabetizadores, de acordo com o cargo que ocupam, através de informações, mensagens ou advertências, expostas em seu lugar de trabalho, promovendo deste modo, um ambiente acolhedor, onde a leitura e a escrita estão sempre presentes, numa quantidade moderada, de acordo com os interesses dos alunos, da quantidade e os tipos de recursos oferecidos pela Instituição, como também a estrutura da escola.

Dessa forma, quando a escola conta com um espaço e uma equipe de professores que realizam um trabalho planejado, elaborado e organizado, pensando na motivação seguida da aprendizagem dos alunos, significa que a mesma está preparada para receber o alunado e conduzi-lo ao mundo da leitura e da escrita de forma prazerosa.

Com isso, deve-se enfatizar, que com a sala de aula não pode ser diferente, paredes, estantes, quadros, personagens infantis, caixinhas de sapatos, cestos com livros, dentre outros, todos devem estar ornamentados com frases, palavras e/ou textos. Desta forma, cabe ao professor o dever de preparar um ambiente harmonioso que incentive a criança a sentir vontade de ler e escrever. E com isso, em clima de entusiasmo, a leitura e a escrita atingirá um espaço Inter e extra sala de aula.

## **2.2 Letramento uma aventura prazerosa no ensino fundamental**

A leitura e a escrita estão em toda parte, as crianças começam a entrar em contato com o mundo letrado muito cedo, haja vista a maioria dos objetos que estão a sua volta (embalagens, adesivos, jogos, brinquedos, televisores, placas comerciais, histórias infantis, dentre outras) tornarem-se fontes inesgotáveis de estímulos direcionados à alfabetização. Sendo assim, a alfabetização se tornará uma aventura experienciada pelo próprio educando, quando bem conduzida pelo professor. Assim sendo, Smith (1989, p. 236) afirma:

Existe somente um modo de se resumir tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, e este é dizer que a criança deve

aprender a utilizar a informação não-visual, ou o conhecimento anterior, de modo eficiente, quando atentado para a linguagem escrita. E uma compreensão das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não-visual. Pois, o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou regras fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura.

Quando se fala sobre o contentamento de alfabetizar e ser alfabetizado, quer-se ressaltar que esse momento de aprendizagem é único, repleto de tensão, superação e descobertas, atingindo o emocional, o intelectual e o social do discente com bastante intensidade. Essa transformação requer do professor um grande envolvimento na ação de ensinar e aprender, requisita-se também, gostar do que faz, e principalmente, de transmitir em ação a emoção. O professor que descobriu o prazer em alfabetizar tem muito mais chance de ajudar seus alunos nesta descoberta.

Nesta fase o docente caminha juntamente com seus alunos em um mundo fantástico, onde a leitura e a escrita aparecem com cores, formas e tamanhos variados, em lugares reais ou imaginários, respeitando o ritmo de cada criança, despertando o gosto pela leitura e a escrita, vivenciado pelo próprio professor, ultrapassando assim, os limites da sala de aula, passando a pertencer a vida de cada criança. Como assegura Harper (1992, p.63): Quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de utilizar recursos variados e não apenas “saliva e giz”. Convém instigar todos os sentidos, ao exprimir exemplos, lembrar filmes sobre o conteúdo, estimular a curiosidade das crianças com questões e problemas.

Isto posto, percebe-se ainda que a criança necessita conhecer o significado dos textos, das frases e até das palavras trabalhadas. Dessa forma, o professor que visa à aprendizagem dos alunos, não se limita apenas a realizar atividades prontas, cujos resultados estão definidos no momento do planejamento, podendo qualquer sugestão que venha a surgir durante o processo de alfabetização, promovendo a participação dos alunos, desde o momento da seleção das atividades até a realização das mesmas, analisando os alunos hodiernamente, respeitando a individualidade e o desempenho nas atividades propostas de acordo com o conteúdo.

Torna-se interessante que o professor surpreenda os seus alunos, alfabetizando-os de forma prazerosa, promovendo atividades que despertem a curiosidade do educando e do próprio alfabetizador, que estão juntos embarcam nesse arrojo, cujo objetivo é a leitura e a escrita. Permitindo ainda, que os resultados

sejam previstos, mas não acabados, porque a aprendizagem acontece na prática, com a participação de todos os envolvidos nesta aventura, fazendo com que as aulas tornem-se estimulantes, despertando a curiosidade que direciona a aprendizagem. A esse respeito Freire (1996, p. 86) ressalta:

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. [...] É preciso que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

Evidencia-se ainda, que o professor não está isento do processo de mudança que acontece dentro ou fora da sala de aula, durante o processo de alfabetização. Embora as classes do Ensino Fundamental, anos iniciais, tenham o mesmo objetivo, ensinar e/ou desenvolver nos alunos a habilidade de ler e escrever, porém, cada vez que o educador alfabetizar um grupo de alunos haverá uma transformação na vida dos educandos, pois o grupo estará preparado para aprender conteúdos mais complexos.

Contudo, é comum encontrar crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Visto que, influências internas e externas provocam reações inevitáveis que contribuem de forma positiva e/ou negativa no desenvolvimento da aprendizagem. Tornando-se necessário, que o professor planeje as aulas partindo do interesse dos seus alunos. Sendo assim, ele conseguirá manter a turma em um nível de motivação equilibrado, pois sabe-se que a motivação é interna, mas o professor participa como agente ativador, diagnosticando, analisando e agindo diante das deficiências apresentadas pelo aluno. Sobre isso, Barbosa (2006, p.236) comenta:

Quando encontramos na escola um aprendiz com dificuldades para aprender precisamos, além de conhecer o sintoma, ou seja, a dificuldade apresentada, observá-la e entender como ela acontece naquele momento, o papel do contexto no seu aparecimento e, também, estudar a gênese da dificuldade através da história do aprendiz.

Em alguns momentos, apesar do professor perceber que a criança não está aprendendo da forma como foi ensinada, o mesmo permanece com a mesma metodologia o ano inteiro, tendo como resultado o fracasso do aluno. No entanto, percebe-se, que o professor que tenta melhorar as aulas com novidades, que

encantam e atraem os educandos, faz com que cada um deles, inclusive o próprio professor, mergulhe intensamente no mundo da leitura e escrita, passando emoção e prazer na realização do processo de ensino-aprendizagem.

### **2.3 Recursos didáticos materiais como agente motivador no processo de letramento**

O processo de ensino-aprendizagem requer a participação lúdica do aluno, tornando os recursos materiais como ferramentas indispensáveis ao trabalho do docente, que transcende os limites da sala de aula, através de reais ou representações do conteúdo estudado. Enfatizando que o professor deve estar concentrado para preparar um bom material didático com recursos variados para suas aulas. Deste modo, o uso desses recursos facilita a compreensão dos textos trabalhados com os alunos, possibilitando ao alfabetizador poder utilizar recursos atuais ou tradicionais, levando em consideração a contribuição do recurso para a aprendizagem do alfabetizando. Como afirma Freire (1996, p. 35):

É próprio pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo não pode ser negada ou acolhida só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico, o velho que preserva sua validade ou encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo.

Portanto, percebe-se que uma sala de aula sem recursos torna-se distante da realidade dos alunos. A partir disto, restitui-se interessante alfabetizar crianças usando recursos que fazem parte do seu cotidiano, como jogos, brincadeiras, embalagens, músicas, histórias, cartazes e o livro didático. Adaptando para isso, todos os recursos materiais ao contexto social da criança em processo de alfabetização.

#### **2.3.1 Lúdico**

Quando o professor trabalha com jogos, ele conta com um instrumento valioso, através dos jogos as crianças aprendem brincando. Enfatiza-se que a competição entre os educandos ativa a vontade de conhecer sempre mais, propiciando a aprendizagem da leitura e da escrita. Deste modo, à medida que o

alunado estuda os textos para conseguir um bom resultado durante as competições, naturalmente estará progredindo no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Em todos os jogos, atividades e experiências a criança se educa, aumenta a sua capacidade de ação, facilita e controla os movimentos, enquanto o espírito de observação, a atenção, os sentidos, os raciocínios são conjuntamente solicitados pelo próprio indivíduo que pratica as atividades. O professor terá que satisfazer a este conjunto sempre, mas acompanhando a criança que se desenvolve, deverá favorecer-lhes situações educativas diversas que possam influir, isto é, a fim de que o grupo encontre ocasião para ativar estas capacidades. (MARTINS, 2002, p.5-8).

A contribuição dos jogos no processo de alfabetização está no fato de que ele é prazeroso. Cabendo ao professor pesquisar ou elaborar jogos interessantes que estimulem a criança, adequados à aprendizagem da leitura e da escrita, respeitando sempre o nível de conhecimento dos alunos, partindo da realidade dos mesmos, para o estudo dos conteúdos desejados. De acordo com Chateau (1997, p. 14), “É pelo jogo, pelo brinquedo, que a crescem a alma e a inteligência. [...] Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”.

Desse modo, percebe-se que o jogo busca mostrar que o prazer e a segurança crescem quando a criança sente-se, cada vez, mais preparada para aproveitar os conhecimentos aprendidos em sala de aula de acordo com o seu cotidiano pueril.

As brincadeiras são fundamentais durante o processo de alfabetização. O aluno chega à escola trazendo muitos conhecimentos que na maioria das vezes é um pouco desorganizado, mas essenciais para a sua alfabetização. Com isso, as brincadeiras realizadas durante os anos que antecedem a vida escolar, servirão como alicerce para as novas brincadeiras, agora com um objetivo determinado pelo processo de ensino-aprendizagem, aprender a ler e escrever brincando.

Se a vida é um jogo e o jogo pode se transformar em brincadeira, porque não viver brincando e aprender com a brincadeira? [...] a brincadeira permite ao educando criar, imaginar, fazer de conta, funcionam como laboratório de aprendizagem, permite ao educando experimentar, medir, utilizar, equivocarse e fundamentalmente aprender. (BARBOSA, 2006, p.122).

O brincar não tem regras, embora cada tipo de brincadeira apresente uma série de procedimentos que devem ser levados em consideração para se obter o

resultado desejado. E assim, as brincadeiras infantis tornam-se ferramentas preciosas no processo de alfabetização, além de ensinar a ler e escrever de forma prazerosa.

Com isso, restitui-se enfatizar que a brincadeira infantil traz em si as potencialidades que irão desenvolver-se de forma eficaz na vida adulta. Ressaltando sempre, que a participação do professor deixa transparecer que ele não é o dono da brincadeira, e sim mais um aprendiz, com as mesmas responsabilidades desenvolvidas pelos alunos. Confirma-se quando Moreira (1996, p.61) afirma:

A participação do professor no jogo e na brincadeira dos alunos tem o objetivo de ajudá-los a perceber como podem participar da aprendizagem e da convivência em geral. O incentivo pode ser dado sentando-se ao lado daqueles alunos que não aprenderam ainda [...] que tenham algum tipo de dificuldade.

Portanto, o professor deverá mesclar as aulas na dosagem certa, com brincadeiras variadas, adaptadas as necessidades dos alunos, com os objetivos determinados de acordo com a competência de conhecimentos apresentados pela criança no processo de alfabetização.

### **2.3.2 Textos diversificados e livro didático: instrumentos no processo de leitura e escrita**

O letramento objetiva instruir as crianças para interatuar no seu meio social. Para isso, o professor consciente de sua responsabilidade, além de trabalhar com o livro didático, procura usar textos diversificados que fazem parte da realidade na qual, os alunos estão inseridos, proporcionando uma aprendizagem mais eficiente.

Ressalta-se, ao mencionar como professor dinâmico, aquele que procura motivar os seus alunos, além de trabalhar com o livro didático, manuseia também jornais, revistas, histórias em quadrinhos e outros textos, abordando assuntos do interesse dos alunos, visando com isso à compatibilidade com o nível de conhecimento das crianças a que se destinam.

O livro didático é um material de forte influência na prática do ensino brasileiro. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e as eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos propostos. Além disso, é importante que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado (pois a variedade de fontes é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento). A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores,

calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta. (BARBOSA, 2002, p.11-26).

A esse respeito, torna-se importante contar com a participação dos alunos desde a seleção dos textos a serem trabalhados em sala de aula até o momento da avaliação. Repetindo esse procedimento sempre que passar para o nível seguinte de alfabetização.

Portanto, o docente que compromete-se a alfabetizar um grupo de alunos, sabe que além de ensinar a ler e escrever precisa estimulá-lo a fazer a sua própria interpretação dos textos, com a autonomia e o senso crítico que devem ser criados pelo processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Rogers (1978, p.45): “Quando se verifica a aprendizagem, o elemento de significação desenvolve-se para o educando dentro da sua própria experiência como um todo”.

Portanto, torna-se de fundamental importância ressaltar que todos os conhecimentos ensinados durante o processo de alfabetização têm o intuito de abrir novos caminhos para a aprendizagem, promovendo ao estudante a oportunidade de trilhar seu próprio caminho.

#### **2.4 Interação pela linguagem: corroboração mútua**

Entende-se a linguagem como um processo de conversação que realiza-se nas práticas sociais viventes nos inúmeros e diversificados grupos de uma sociedade. Interagir pela linguagem exprimi dizer algo a alguém, de certa forma, num aprazado contexto histórico e em determinadas circunstâncias.

Segundo Bakhtin (1979) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. Os indivíduos interagem pela linguagem, tanto numa conversa informal quanto pela escrita. Portanto, é através da linguagem que é possível expressar ideias, pensamentos, intenções interpessoais anteriormente existentes em contextos diversos e influenciar os outros, modificando as representações que fazem da realidade.

De acordo com Câmara (1999), a linguagem pode ser escrita ou falada, e, na comunicação escrita, os sons passam a ser evocados mentalmente por símbolos gráficos.

Bakhtin (2002) ressalta a importância da palavra indissociada do social. Dessa forma, a interação verbal entre interlocutores, viabilizada através da enunciação, representa o princípio fundador da linguagem e possui caráter dialógico.

O que, segundo Antunes (2003, p.45), é “ação entre”, ou seja, o que um faz ou pensa depende do pensar do outro, gerando uma relação na qual “a iniciativa de um é regulada pelas ações do outro”.

Assim, o uso eficaz da linguagem deve atender às necessidades pessoais, determinadas de acordo com as demandas sociais de cada momento ou situação. É, ainda, na interação social que se encontra a condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito apropria-se do sistema linguístico, no sentido de construir com os outros os objetivos linguísticos individuais os quais vai utilizar na medida em que constitui-se a si próprio como um locutor ou interlocutor – aquele que expressa-se ou aquele que coloca-se na posição de ouvinte.

De acordo com Freire (2003), as práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar, nos anos iniciais principalmente, possibilitam que aconteça uma reflexão sobre a linguagem. E é por meio dessa reflexão que se dá a construção de instrumentos que permitirão às crianças o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diferentes situações de interação possibilitando às mesmas o acesso aos saberes linguísticos, extremamente necessários ao exercício da cidadania.

Ao mesmo tempo em que a linguagem enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, representa um potente veículo de socialização e cada língua, em cada sociedade, carrega em sua estrutura uma forma própria de ver e compreender o mundo, o qual se concatena as características de culturas e grupos sociais singulares, os quais constroem um sentido da pertinência social.

Hodiernamente, não concebe-se mais a linguagem tão somente como representação do pensamento e nem como forma de comunicação, pois para Bakhtin (1979), a linguagem é uma forma de interação social que se estabelece entre indivíduos socialmente organizados e inseridos numa situação concreta de comunicação. Bakhtin (1979), ainda, admiti a língua como um fato social, concreto, individualmente manifestado pelo falante. Assim, a enunciação passa a ser uma realidade da linguagem, acrescentando, também, a situação de enunciação como elemento necessário à compreensão das trocas linguísticas.

Assim, a enunciação, fenômeno de interação, o interlocutor ocupa o lugar de sujeito ativo na constituição do sentido e a linguagem articula o linguístico, o social e o ideológico. Para Bakhtin (1979, p.79): “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...). É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação (...)”.

Ao inserir no contexto social a enunciação, Bakhtin explicita a verdadeira substância da língua, ou seja, sua realidade fundamental, constituída pelo “fenômeno social da interação verbal”, que propicia as circunstâncias para a evolução real da língua: “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (BAKHTIN, 1979, p. 110).

Assumindo a linguagem como forma de interação, Antunes (2003) aduz: “uma vez que toda palavra procede de alguém e dirige-se para alguém, a realização da palavra, sua concretude passa a ser determinada pelas relações sociais, pelos interlocutores e pela situação de produção”.

Embora não se constituíssem em preocupações para Bakhtin os aspectos que se relacionam ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita na escolarização formal de crianças, suas reflexões têm respaldado a discussão em torno do processo de apropriação dessas práticas sociais.

No Brasil, isso ganhou mais relevância após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais Brasil (1998), “referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o país”, que propõe o uso do texto e do gênero textual como objetos de ensino da linguagem verbal.

Mesmo diante de muitas críticas direcionadas aos documentos oficiais (PCNs) não há como negar sua relevância, pois consegue acenar com propostas alternativas para solucionar ou, ao menos, amenizar as dificuldades de domínio da leitura e escrita, práticas sociais indispensáveis na sociedade “multi” (letrada, facetada, genérica...) em que estamos inseridos.

Assim, através dos PCNs, a concepção de linguagem como forma de interação é prontamente revelada e se entrelaça aos conceitos teóricos bakhtinianos que servem ao campo do ensino da leitura e da escrita, especialmente quando voltados para a produção do texto escrito adequado a diversas situações comunicativas. Isso pode contribuir para com o desenvolvimento e aperfeiçoamento

das competências leitoras e escritoras, propiciando à criança o domínio dos recursos linguísticos oferecidos pela própria língua.

Nessa perspectiva compreende-se a importância do ensino da leitura e da escrita utilizando o texto e o gênero textual como unidades básicas do ensino-aprendizagem, pois acredita-se que isso faz-se necessário nos anos iniciais do ensino fundamental. Conhecer o mundo, os saberes produzidos pelo ser humano, falar e escutar o outro, ler diversos gêneros textuais (fábulas, contos, gibis, dentre outros), escrever textos em diferentes gêneros, são atividades que proporcionam um maior desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras, dando uma oportunidade à criança de agir e criar, de produzir, enfim, participar ativamente da/na sociedade em que vive.

## **2.5 - Ato de ler e escrever: uma breve reflexão**

Dentre as várias funções da Escola, uma destaca-se como essencial na formação do educando para a vida: formar leitores e produtores de textos, para atuarem como cidadãos na sociedade.

Se a Escola conseguir desenvolver no aluno o gosto pela leitura, ou seja, despertar o interesse por este tipo de situação, trabalhando com a diversidade textual desde os anos iniciais, explorando os textos de uso social, já terá dado grande avanço para atingir outros objetivos do ensino, como as competências motoras, afetivas, estéticas, cognitivas e sociais.

O domínio das práticas sociais, como a leitura e a escrita, o aluno que entra no mundo da leitura, apaixona-se, encanta-se e assim dará continuidade ao aprendizado escolar, através dos livros, jornais e revistas que vier a ler, das demais áreas do conhecimento e se desenvolverá sem embaraço diante das exigências do mundo globalizado e sem fronteiras, provavelmente será comunicativo, crítico, reflexivo, além de desenvolver uma percepção aguçada.

### **2.5.1 O ato de ler e sua importância**

A leitura constitui-se como um dos avanços à busca do conhecimento sistemático e aprofundado. Ela é a condição para a plena participação no mundo da

cultura, através dela, pode-se entrelaçar significados, entrar em outros mundos, atribuir sentidos, distanciar-se dos fatos e com uma postura crítica questionar a realidade, não correndo o risco de perder a cidadania letrada. Segundo Vygotsky (1988): "... quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que habilitará aprender a ler em tempos relativamente curto".

Aprender a ler depende da familiarização e convivência com a escrita, não sendo portanto, apenas uma questão de inteligência. Tornando-se fundamental, também que os educadores conheçam um pouco do histórico da criança, tenham conhecimentos de como essa aprendizagem pode ser construída pelo educando para, a partir desses dados, trabalharem seus diferentes contextos.

É na escola que se revelam, em muitos casos, problemas relacionados aos distúrbios da leitura e quando é diagnosticado a tempo, é possível ser corrigido. Nesse sentido, alguns educadores ao refletir sobre o papel da escola apontam para a necessidade de elevar a qualidade dos recursos humanos para atender o aluno.

Entende-se que os processos de aquisição de leitura em diversos casos não são exclusividade da deficiência apresentada pela escola, pois o ambiente familiar expresso por muitas crianças, não oferece condições de levar seu aprendizado.

Segundo Ferreiro (1992, p. 23): "o que acontece no primeiro ano da escola tem reflexos não apenas na alfabetização, mas na confiança básica que cerca toda a escolaridade posterior". Além disso, é neste espaço que o aluno receberá o primeiro rótulo, que terá consequência no resto de sua escolaridade.

Sabe-se que os três anos iniciais do ensino fundamental não esgotam essas capacidades linguísticas e comunicativas, que se desenvolvem ao longo de todo o processo de escolarização e das necessidades da vida social. Mas elas são importantes porque é no aprendizado na língua escrita que vêm concentrando-se os problemas localizados não apenas na escolarização inicial, mas também em fracassos no percurso do aluno durante sua escolarização.

De maneira histórica, o conceito de alfabetização significa a capacidade de codificar e /ou decodificar os sons da fala, na leitura, convertendo-os em sinais gráficos. A partir dos anos de 1980, o conceito de alfabetização foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente com os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Segundo esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de

correspondências entre grafemas e fonemas (a decodificação e codificação), mas caracterizar-se-ia como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita compreendida como um sistema de representação.

Isto posto, o ciclo de alfabetização, que se entende do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, constitui-se, como um espaço de inúmeras possibilidades para que toda criança em processo de alfabetização possa construir conhecimentos diversificados e multifacetados de forma contínua. O currículo dos anos iniciais do ensino fundamental configura-se como um produto histórico-cultural, norteador das práticas de ensino da leitura e da escrita, refletindo as relações pedagógicas da organização escolar. Constituindo-se como instrumento de confronto de saberes, ou seja, como um conjunto de experiências, conteúdo, disciplinas, vivências e atividades na escola que visam a construção de identidade e de subjetividades, sem desconsiderar o “currículo oculto” no ambiente escolar.

No processo pedagógico não se pode ensinar a escrita como se houvesse neutralidade. A escolha dos textos, das situações vivenciadas, pode ser feita de modo a considerar os temas que podem ajudar as crianças a desenvolverem atitudes críticas.

Assim, a leitura e a escrita são um processo que requer diversas análises que possam melhorar aquisição desses, havendo intervenção por parte do docente quando necessário. Uma questão importante para ser pensada é a concepção do professor a respeito da natureza do ato de ler, pois como ele é concebido altera em muito a organização do trabalho com a leitura em termos de ensino.

Compreendendo a leitura a partir dos enfoques sociais e em função das contradições presentes na realidade brasileira, percebe-se que ler e escrever é o caminho para formação de um povo mais ativo e participativo, pois ler é possuir elementos de combate à alienação e ignorância. O sentido de ler vai além da decodificação, estende-se a leitura, compreensão e inferência.

A leitura trata-se de uma atividade que deve ser realizada individualmente, mas que se introduz num contexto social, envolvendo atitudes e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido do texto lido.

Kleiman (2001) aborda várias concepções de leitura que são visões consideradas pela autora práticas empobrecidas, são elas: a leitura como decodificação, a leitura como avaliação e a leitura autoritária.

A leitura como decodificação consiste apenas na tradução dos sinais gráficos em palavras, funcionando como uma espécie de mapeamento entre os sinais gráficos da pergunta elaborada sobre o que foi e sua resposta nítida ao leitor no instante em que este passa o olho pelo texto. Essa concepção estaciona o leitor no tempo, não oferece uma abertura as novas descobertas da leitura e escrita.

Quanto à leitura como avaliação, caracteriza-se por avaliar o educando de acordo com sua capacidade leitora no momento da leitura em voz alta. De acordo com Kleiman (2001, p.29): *"esse é o tipo de prática que inibe ao invés de promover a formação de leitores"*.

A terceira concepção, a leitura autoritária, está vinculada a ideia de que só há uma maneira de compreender o texto e conseqüentemente interpretá-lo, por isso, a experiência e o conhecimento prévio do aluno são descartados.

Numa concepção ampla de leitura, Solé (1998) ressalta que *"a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura"*. Sendo assim, o objetivo da leitura é compreender o texto, atribuindo-lhe ou construindo significados, já que o sentido que o autor propôs ao texto pode ser alterado pelo leitor de acordo com seus conhecimentos prévios e com os objetivos daquela leitura, mesmo que o aspecto conteudista do texto seja inalterado, é viável que dois leitores ativos extraiam informações distintas dentro de suas finalidades.

Neste sentido Foucambert (1994, p.5) trata da concepção de leitura afirmando que: *"Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo"*, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que se é.

Dessa forma, ressalta-se que o sentido de um texto não se concentra em si próprio, há todo um manancial de pressupostos cognitivos, culturais e sociais que norteiam a descoberta ou a redescoberta de um novo significado para o que foi lido.

Segundo Orlandi (1998): “a leitura pode ter vários sentidos como: na escola o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto; também pode uma ideologia ou uma atribuição de sentidos”.

Desse modo, ler não é apenas transformar os rabiscos em ideias, varia de pessoa para pessoa de acordo com o seu nível social, o seu contexto de vida, entre outros fatores.

Torna-se importante ressaltar que a leitura exige do leitor condições para um bom andamento e melhor compreensão do texto que vai desde o conhecimento do leitor sobre o assunto tratado, até a capacidade de o leitor identificar as ideias mais importantes do texto de acordo com o seu objetivo. A realização do objetivo da escrita é a leitura, pois quem escreve, escreve para ser lido.

A leitura faz parte do nosso cotidiano e, é através dela que o ser humano busca realizar-se, desvendando mistérios, soltando a imaginação, ao percorrer seus anseios do inconsciente, o que estabelece uma relação entre o real e o imaginário. Para Jales (1992, p. 12):

O fascínio da leitura consiste exatamente no desvendar do mistério, no desenrolar do fio da imaginação, na viagem maravilhosa pelos caminhos do inconsciente, no domínio que a pessoa exerce sobre a palavra, entendida como uma porta aberta para o sonho e a fantasia.

Sendo assim, a leitura da palavra só realiza-se e reproduz-se, quando interage com o espaço em que o homem sente-se sujeito, ou seja, quando existe uma estreita relação.

Através da consulta de bons dicionários, encontram-se definições como: ler é ver o que está escrito; interpretar por meio da leitura; decifrar; compreender que está escondido por um sinal exterior; descobrir; tomar conhecimento do conteúdo de um texto pela leitura. Conforme Gadotti (2002, p. 31):

“Todas as definições sobre o que é ler levam a existência de um “leitor, de um “código” e de um” autor”. Através do código, o autor expressa os seus pensamentos, comunicando-se como leitor. O código é representado pelo texto, que deve ser compreendido, ou seja, é necessário que o leitor consiga atribuir-lhe significados dentro do contexto histórico em que vive.

Isto posto, entende-se a leitura como um processo de comunicação entre leitor e autor mediado pelo texto. O encontro com o autor se dá através de sua palavra

escrita, e, por conseguinte, compreender o jogo de palavras escritas pelo autor é compreender o significado do texto.

De acordo com Silva (2002): “*o compreender deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes de leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo*”. Nessa concepção, a ênfase maior está no processo, nas estratégias e nos recursos utilizados pelo leitor para atribuir significados ao texto, por isso, ele consegue sintetizar as ideias do texto com facilidade, fazendo uso frequente dos seus conhecimentos prévios. Portanto, é uma concepção direcionada para a construção de sentido pelo leitor, após o ato de ler.

Pode-se perceber, então, que o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão e atribuição de significados. Não basta decodificar, é preciso se colocar no texto, construindo e atribuindo-lhe significado, proporcionando ao leitor uma tomada de consciência para compreender-se no mundo de maneira crítica e interativa.

A escola deve considerar a importância e a inserção da leitura no processo ensino aprendizagem de forma dinâmica e agradável, utilizando-se, por exemplo, do caráter lúdico que pode ser dado às estratégias de leitura. Dessa forma, a escola desempenha um papel fundamental na construção da autonomia e da identidade de cada educando. Pois o local em que explora-se diversos tipos de textos, os estudantes leem e escrevem mais rapidamente. Nesta perspectiva a formação do leitor ideal constitui o maior desafio para os estudantes. Haja vista, o texto deve despertar certo sentimento no leitor.

Este, por sua vez, poderá tornar-se um leitor ideal, tendo como parâmetro o leitor que é capaz de entender o significado de tudo que está escrito para que a sua compreensão dos livros torne-se mais profunda. Portanto, a leitura não pode ser percebida como apenas a decodificação grafocêntrica, mas como uma inesgotável fonte de pesquisa.

## **2.6 Escola e professor: função, limites e possibilidades**

Ler, escrever, falar e escutar ganha dimensão prática com os objetivos imediatos, tendo em vista o produto final do domínio da leitura e da compreensão do que se lê.

De acordo com os parâmetros curriculares Nacionais (PCNs), cabe, portanto, a escola viabilizar o acesso ao aluno a um universo de textos, onde ele em virtude dessa anexação nesse mundo possa, por conseguinte, produzi-lo ou interpretá-los. Isso inclui textos de diferentes disciplinas.

No que concerne a escrita, Brasil (2001, p. 27) aduz que: “tornar-se um usuário da escrita eficiente e independente implica saber planejar, escrever, revisar (reler cuidadosamente), avaliar (julgar se está bom ou não) e reelaborar (alterar e reescrever) os próprios textos”.

Dessa forma, partindo do texto como base nas aulas de leitura e escrita, lendo, interpretando, escrevendo, reescrevendo e opinando, torna-se o ponto de partida para um trabalho proveitoso de leitura e escrita na escola.

O procedimento de ler e escrever pode ser também divertido, pois é possível ensinar e aprender a ler e a escrever por meio da ludicidade ao qual exorta a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética. Pode-se envolver os educandos em situações exultantes, contextualizadas e relevantes que explorem a compreensão e a produção de textos de vários gêneros orais e escritos. A este respeito Dayrell (1999, p.18) explica:

“(...) para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do aluno com um sujeito sociocultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem.”.

Para Bossa (2007), a ideia do fracasso escolar teve seu surgimento no século XIX com a obrigatoriedade escolar sucedidas das mudanças econômicas e estruturais da sociedade. Haja vista, durante muitos anos o fracasso escolar ser exaltado como uma responsabilidade e falta de condição em adquirir conhecimentos por parte do aluno, contudo, ao decorrer dos anos atentou-se que tal problema era de responsabilidade da sociedade e principalmente da instituição escolar que, também, não pode cooperar para exclusão social.

Sabe-se que a leitura é muito mais do que um instrumento escolar. Ela funciona como um passaporte para a entrada na cultura. Não se concebe uma cidadania plena sem a utilização da leitura, a escola tem a função de oferecer aos seus educandos uma prática de leitura que envolva os alunos na construção de sentidos diante do que foi lido.

A escola funciona como um local em que a leitura é um dos principais mecanismos para inserir-se na sociedade letrada, por isso Solé (1998, p.32) discorre:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

Compreende-se assim, que a escola deve oferecer um conhecimento voltado para a leitura, objetivando ensinar os seus alunos a entender o mundo e agir com autonomia diante de determinadas situações, pois as pessoas desprovidas dessa aprendizagem, jamais conseguirão atuar como indivíduo participativo na sociedade. Segundo Terzi (1995, p.43):

A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre as estórias em si, sobre tópicos de estórias, estrutura textual e sobre escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita (...).

Desse modo, a exposição do educando a frequentes leituras, apropriadas a sua faixa etária, amplia seu conhecimento, provocando avanços que não aconteceriam se essa criança não convivesse com pessoas leitoras. Essa convivência contribui para uma maior facilidade em desempenhar um trabalho eficaz proposto pela escola, o que resulta em maior sucesso.

Ao entrar na escola os discentes vão sendo estimulados a adquirir conhecimentos, habilidades e fazer cálculos mentais, tendo como objetivo primordial a preparação para a vida social, bem como para o trabalho. Nesse sentido Solé (1998, p.34):

Considera que a leitura e a escrita apareçam como objetivos prioritários da Educação Fundamental. Espera-se que no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance.

Desse modo, a escola deve priorizar a leitura como uma das atividades de maior representação na vida do ser humano, disponibilizando textos adequados a faixa etária de forma que a mesma tenha fácil acesso aos textos expostos e

valorizando tudo que a criança constrói, pois são essas construções que estimulam os alunos a serem bons leitores. Dessa forma, Melo (1983, p.89), afirma que:

A escola pode levar à leitura compulsória durante algum tempo, além de deixar de ser leitor quando abandona a escola, (o aluno) adquire a sensação de que a leitura é algo vinculado à rotina da aprendizagem; portanto, uma atividade desinteressante, chata e cansativa.

Algumas escolas utilizam a leitura como avaliação da aprendizagem, transformando-a em uma obrigação e não uma forma de prazer, pois a maioria dos professores limita-se apenas a usar os textos retirados dos livros didáticos, dando prioridade à gramática.

Outra conjuntura que a escola precisa ter é com relação ao material didático, este deve funcionar como um instrumento teórico capaz de ajudar aos professores a melhorar a metodologia de ensino, contribuindo assim para a concretização de um ensino produtivo. Sobre este ensino compreende-se que o mesmo visa o desenvolvimento de novas habilidades, favorecendo ao aluno entender o uso de sua língua de forma mais eficiente, não modificando seus padrões e sim reutilizando de maneira a adequá-los em diversas situações da vida.

Além disso, a escola precisa também dispor de um acervo bibliográfico que possibilite aos alunos um contato com a diversidade textual nos mais variados gêneros. Ainda no que se refere a função da escola, Jales (1992, p.25) ressalta que:

Do ponto de vista instrucional, cabe à escola, dar ao educando os instrumentos necessários à compreensão do texto. Uma objeção frequente é que a leitura na escola vem carregada de obrigatoriedade. Pode-se e deve-se ler por prazer, mas certo grau de organização e disciplina é fundamental.

Portanto, há de se reforçar que a leitura estabelece um ligame com o ensino realizado na escola, dado isso, afirma-se que ela é uma parte indissociável do processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, a escola necessita assumir verdadeiramente sua parcela de responsabilidade na formação de leitores capazes de participar com segurança e discernimento das práticas sociais, por isso, se faz necessário que a escola e os professores priorizem a leitura como uma atividade essencial no Ensino Fundamental, principalmente.

Assim é preciso que os professores conscientizem-se da enorme responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultura do ser humano. É obrigação da escola valorizar o livro, não como objeto para ser guardado na estante, mas para ser manuseado e lido. É obrigação também da escola indicar diretrizes, estimular e incentivar a prática de leitura, pois a prioridade da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante como respirar.

Desse modo, compreende-se que o hábito da leitura é fundamental na vida do indivíduo, pois é lendo que se chega a informação e ao conhecimento e é lendo que instrui-se e tornar-se confiante.

Sabe-se que a leitura deve ser vista como uma atividade que desenvolva no aluno a familiaridade com textos diversificados, numa quantidade tal que o faça gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer esse gosto e essa necessidade.

Desse modo, cabe ao professor durante sua aula promover leituras de aprofundamento dos textos, vivenciando o encantamento da descoberta coletiva, das interpretações compreendidas e do sentido extraído por cada aluno. É preciso que o professor apresente-se como leitor, demonstrando ao aluno o gosto pela leitura. A esse respeito Bellenger (2004, p.17) diz que:

A leitura se baseia no desejo e no prazer. Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais; justamente porque ela não faz sentido.

Neste sentido, os alunos só leem quando os textos apresentam algum significado para eles. Para ler é preciso sentir o gosto pela leitura. A leitura em tempo algum deve ser imposta pelo docente ou empregada como forma de castigar o aluno. Esta não é uma atividade correta, pois contribui ainda mais para que as crianças não sintam prazer durante a leitura.

O gosto pela leitura é variável e sem distinções. Cada pessoa admira tipos de gêneros textuais diferentes, mas todos com o objetivo de retirar algo de forma a atender suas necessidades.

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do educando depende do ambiente escolar que respeita a diferença e diversidade; pois a instituição escolar

deve ensinar a utilização da língua adequada a diferentes situações, utilizando a linguagem em instâncias públicas de forma mais competente, trabalhar com atividades de fala, escuta e reflexão, são atividades que podem favorecer a aprendizagem do aluno. Por isso é fundamental que o professor organize situações de linguagens informais e coloquiais dos alunos, de forma estruturada e formal, para que possa aprender a utilizá-la adequadamente.

A leitura é uma experiência pessoal ao qual não depende somente da decodificação de símbolos gráficos, mas de todo o contexto ligado a história de vida de cada indivíduo para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto, e desta forma construir o sentido. (POSSEBOM, 2008, p.03).

Trabalhar com a variedade textual promoverá no educando uma identificação com a leitura, partindo da experiência pessoal de cada um, para o universo dos leitores. O educador precisa utilizar estratégias para melhorar e enriquecer o trabalho pedagógico favorecendo uma participação efetivas de todos. Lendo a criança desenvolve todo o potencial crítico: pensar, duvidar, questionar. Para comunicar-se adequadamente o ser humano precisa da leitura e escrita para poder transformar-se em um indivíduo sensato em relação ao mundo. O aluno precisa necessita aprender a interpretar e produzir textos orais escritos.

No processo de leitura é pouco provável que possa ler de forma totalmente radical, devido a dinâmica própria do sentido existencial do homem: o indivíduo que ler em geral vive interagindo entre sensações, emoções e pensamentos. Daí a necessidade do professor promover a diversidade textual que corroborará para o desenvolvimento das capacidades sensoriais, emocionais e racionais.

Para chegarmos a uma leitura efetiva precisamos aprender a desenvolver determinadas táticas. Ainda de acordo com Martins (2003), *“o leitor tem que descobrir e criar uma técnica própria bem como contribuir com o ensino de outros procedimentos”*, são ações importantes para a ampliação de competência ao educando.

Querendo que o aluno desenvolva com habilidade os temas abordados em sala de aula, faz-se necessário que ele possa utilizar além do livro didático, novas fontes de informações recorrendo a leitura de jornais, revistas adequadas para a faixa etária, pesquisas em dicionário e consultas em internet, quando possível.

Conhecendo a importância do processo de aquisição da leitura e escrita como sendo um processo cultural, social e psicológico, podemos refletir e discutir de forma crítica sobre a função e funcionamento da leitura. Durante muito tempo os educadores ignoraram o conhecimento prévio do aluno, limitava-se a insistir em repetir letras, símbolos, palavras e frases sem contextualizar com a realidade do aluno, sem preocupar-se com a necessidade de mudança de metodologia educacional, que chamam atenção para trabalhar a produção textual de modo adequado, conduzindo educado a uma amplitude de saberes.

A língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz o conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários da cidadania, direito inalienável de todos. (PCNs 2001, p. 23).

A leitura na escola é peça fundamental para o aprendizado dos alunos, isso quando o professor leva em consideração as práticas sociais e culturais existentes no cotidiano. Trabalhar a diversidade textual tanto na leitura quanto na escrita possibilita a docente e discente encontrar grandes leitores e produtores de textos, que irão participar de forma reflexiva e participativa na sociedade.

Quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances delas gostarem de ler. Cabe acolher o interesse dos alunos, uma vez que o espaço da leitura deve ser acolhedor e diversificado.

O despreparo do educador, a carência de textos diversificados em sala de aula, o ambiente familiar desfavorável escolhido pelo professor, são possíveis razões que prejudicam a formação de alunos leitores e produtores de textos.

Para ensinar o prazer de ler, o professor deve sondar o tipo de leitura que mais interessa ao discente, como também devem ser modelos de leitores e mobilizadores do saber. Vale ressaltar que a formação de um leitor reflexivo e consciente não depende apenas do educador e dos pais, depende também do próprio indivíduo, pois o ato de ver a leitura como prazerosa ou não é algo individual.

Nas escolas de educação básica, nos anos iniciais, o trabalho de leitura que é desenvolvido nas aulas de língua portuguesa não corresponde a uma prática que

visar a formação de leitores competentes, que adquiram as competências e habilidades necessárias à formação do estudante.

Cafiero (2010, p.16) faz a seguinte afirmação: “é importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização e informação”.

Nas escolas brasileiras, já se concretizam práticas tradicionais de leitura em que levam o aluno apenas à leitura mecânica, simplesmente ler por ler, decodificar as palavras lidas em voz alta. Essas atividades não fazem com que o aluno reflita sobre o texto lido, fazendo inferências sobre eles, opinando sobre o tema do texto, posicionando-se contra ou a favor.

Um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros e o contato com o texto, cinema e música alargam os limites da mente e dos possíveis leitores de um mesmo objeto. Aplicar esses limites pode contribuir (embora não garanta) para que a capacidade da escrita também se desenvolva (ortográfica, morfológica e sintaxe) e no conteúdo (ideias de argumentação). (CAFIERO, 2010, p.88).

Assim sendo, faz-se necessário que o professor planeje suas aulas de leituras levando em consideração a amplitude de informação importante que são trabalhadas com os diferentes textos que circulam socialmente e que fazem parte da nossa realidade.

É importante que se valorize os diferentes gêneros textuais, não padronizando apenas um tipo de texto com o objetivo de uma leitura que consiste tão somente no ato de decodificar as letras da palavra escrita.

Fazendo uso de diferentes tipos de textos os alunos terão a oportunidade de viajar por diferentes horizontes, conhecer a importância de cada gênero, e suas diferentes funções.

Dessa forma, a atividade da leitura implica um processo de antecipação por parte do professor. Um planejamento com objetivos bem definidos para conseguir fazer de seus alunos leitores competentes, não tratando de leituras mecânicas cujos objetivos são somente a leitura em voz alta e algumas questões de interpretação com respostas lógicas.

As práticas desmotivadoras, perversas até pelas consequências devastas que trazem, porém, basicamente, de concepção erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento tradicionalmente legitimado tanto dentro quanto fora da escola. (KLEIMAM, 2006, P. 16).

Nesse sentido, é necessário, de acordo com Kleimam (2006), que se rompa com práticas tradicionais de leitura e também se mude a concepção de leitura e sua importância em sala de aula, bem como na formação do aluno. É preciso desenvolver práticas que estimulem a leitura e incentivem o prazer pela leitura, criando um vínculo entre o aluno e o texto em uma perspectiva constante de formação de leitores.

Sabe-se que o objetivo fundamental da escola quando se diz respeito ao ensino da língua materna é a formação de leitores, os quais devem ser capazes de ler e compreender a diversidade presentes na tipologia textual que circulam na sociedade, bem como adquirir habilidades de escrita.

Desse modo, a escola deve cumprir com veemência sua função de fazer uso da escrita de forma compreensível, isso porque a leitura e a escrita são absolutamente essenciais para viver e relacionar-se em uma sociedade que muda rapidamente e que exige muita competência no uso de diferentes tecnologias de comunicação. Para isso, é necessário que o professor torne-se um mediador entre o aluno e o texto, dialogando, instigando, questionando, aguçando a curiosidade e conhecer mais o tema abordado no texto. Para Solé (1998, p. 23) *“a leitura é o processo mediante o qual se compreende a língua escrita”*.

Para termos bons leitores, é importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar os procedimentos que utilizam para atribuir sentido aos textos e que por iniciativa própria sejam capazes de selecionar textos que atendam às suas necessidades. E que compreenda o que leem e que saibam que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto e que consigam justificar e valorizar a sua leitura.

Se considerarmos que ler e produzir textos significa produzir sentido e que isso só é possível no confronto com o outro, com o diferente, com as múltiplas vozes que nos constituem e que nos transformam em estranhos para nós mesmos; que ler e produzir textos significa também nos inserir numa dada formação discursiva, conhecendo a regra de seu jogo então, compreenderemos por que a escola não está formando leitores nem produtores de texto, mas apenas artífices da reprodução e da passividade, silenciando a uns e a outros, naturalizando as construções que servem apenas a interesses escusos (CORACINI, 2002, p. 264)

Diante do exposto, pode-se dizer que trabalhar a leitura em sala de aula deve, então, ser diferente das atividades centradas somente na retirada de informações que habitualmente ocorre no cotidiano de sala de aula.

Portanto, compreende-se que a leitura e a escrita são um processo contínuo e gradativo e a aprendizagem ocorre pela atividade individual e a experiência do indivíduo no mundo em que está inserido. A educação, entretanto, ultrapassa a simples aprendizagem e, para acontecer, requer a vida social, o trabalho coletivo. Na sala de aula, a educação resulta da convivência social dos alunos entre si e com o professor.

Para que haja educação, portanto, surge a necessidade de que o professor trabalhe em conjunto com os alunos, visando a uma educação para a liberdade com responsabilidade. Somente por meio da educação libertadora, os envolvidos podem tornar-se sujeitos da própria educação. E, somente o diálogo possibilita a educação para a liberdade e a formação de pessoas capazes de participarem criticamente na construção de um mundo mais justo, como sujeitos de sua história.

Da mesma forma que o ser humano nasce, passa pela infância e adolescência até atingir a idade adulta, a criança apresenta fases ou níveis de desenvolvimento na construção do pensamento em relação a língua escrita. Desse modo, o educador que trabalha com essa fase precisa conhecer como ocorrem esses níveis e como pode fazer a mediação para que a criança avance cada vez mais. Além de perceber a importância da afetividade no processo de construção desse saber.

Segundo Ferreira (1992), *“entre o olho que vê e a mão que escreve, existe uma cabeça que pensa”*. Nas sociedades modernas, ensinar a ler e escrever é, a princípio, uma tarefa da escola. Para tanto, na tentativa de buscar explicações para o sucesso ou fracasso escolar, estudos recentes têm destacado que a escola não é o único lugar onde se processa o ensino e a aprendizagem. Alfabetizar-se é aprender a língua escrita. Essa aprendizagem não é aquisição de uma técnica resultante da mecanização, mas é a ação do indivíduo refletindo, levantamento hipóteses e operando sobre o objeto do conhecimento.

Segundo Vygotsky (1988, p.18) *“quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender a escrever em tempo relativamente curto”*. Aprender a leitura e a escrita não é apenas uma questão de inteligência; depende da familiarização e convivência com a escrita.

Tornando-se fundamental, também, que os docentes conheçam um pouco do histórico da criança e, além disso, tenham conhecimento de como essa aprendizagem pode ser construída, para a partir desses dados, trabalharem seus diferentes contextos.

Ferreiro (1992) trouxe uma contribuição para a educação, quando teorizou sobre a aquisição da leitura e da escrita, dando continuidade aos estudos de Piaget sobre o sujeito epistêmico.

Para Ferreiro (1992), as crianças são facilmente alfabetizáveis, desde que descubram através de outros informantes e participação em atos sociais onde a escrita sirva para fins específicos. A construção desse conhecimento não é um processo linear, mas um processo precioso de organização e reorganização, para cada um dos quais existem situações conflitivas que podem antecipar-se.

Procurar e encontrar um corpo que assuma a culpa do fracasso escolar dá-se a sensação de que está tudo resolvido. A atitude do não aprender traz em si o subtexto da denúncia de que algo deverá ser feito. E este feito não poderá ser em momento algum a duas mãos.

Percebe-se que cada um deve clarificar-se de que seu papel na educação é fundamental para que ocorra um processo ensino-aprendizagem mais eficiente. No que se refere ao acesso à leitura e à escrita, a criança sente prazer e desejo de aprender já no início da sua caminhada, gradativamente generalizará esses sentimentos para as outras fases do trabalho escolar, tornando a escola sempre um lugar de conflito e aprendizagem, mas com alegria e prazer.

Nesse contexto, torna-se fundamental que o docente auxilie o discente para que ele vá além do que sempre vê e ouve, podendo estabelecer novas relações e associações e expressar-se de maneira diferente, tornando-se mais criativo. Sendo assim, precisa-se incentivar o educando a ter curiosidade e encorajá-lo a expressar-se espontaneamente.

Nesse aspecto, o mais importante no processo ensino-aprendizagem é o comprometimento do educador com a educação, devendo estar aberto a novos conhecimentos e as novas metodologias, procurando sempre um liame de prazer e troca com seus alunos, fundamentando os usos da leitura e da escrita como práticas sociais.

Nas últimas décadas, o ensino tem valorizado o conhecimento prévio do aluno e a interação dos fatos do cotidiano e o saber sistematizado, sendo que, a

educação transforma a vida das pessoas e desenvolve o lado humano, facilitando assim, conseguir o sucesso e que pode transformar toda uma sociedade. Essa transformação ocorre através dos saberes construído no cotidiano e que são socializados nos diversos grupos dos quais, o ser humano faz parte ganhando múltiplas dimensões biopsicossociais.

Os docentes não conseguem e nem devem separar sua vida profissional da vida afetiva, e isto o ajuda a ter sensibilidade para conhecer os sentimentos das outras pessoas, aprendendo a dar importância a toda a cognição que o discente traz consigo, inferindo que o mesmo não é um ser pronto e acabado, e que está sempre em constante mudança. Sobre isso Freire, 2003, p. 73, aduz:

O professor autoritário, licencioso, competente, sério, incompetente, irresponsável, amoroso da vida e das gentes, o professor mal-educado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

O exercício do professor em sala, ao ensinar, lida com universos diferentes e transmite valores, princípios e opiniões. Para Freud (1977, p.38), *“não existe a mínima possibilidade de viver coletivamente sem que cada indivíduo aprenda sentimentos como solidariedade, fraternidade e cooperação”*. Estes sentimentos são realmente aprendidos, segundo ele, não são próprios do ser humano. Desta maneira, são resultados de aprendizagens e precisam ser ensinados, pela família e pela escola.

Segundo Freire (2003, p.159), *“ensinar é uma forma de intervenção no mundo”*. Cabendo ao professor intervir nessa educação que está a favor do sistema capitalista, em que o individualismo, a competitividade, o descomprometimento, o descaso com o social e a inversão de valores é gritante na escola e na sociedade como um todo. O processo de aprendizagem deve conceber atividades que permitam aos alunos a observar, comparar, experimentar, pesquisar, aplicar e manejar objetos reais, procurando envolvê-los nos trabalhos realizados em sala de aula.

A tarefa do professor é, ainda, preparar motivações para atividades culturais, sociais e educativas em um ambiente previamente organizado, rico em materiais didáticos que favoreçam o processo de aprendizagem por meio da experiência direta, da procura e da descoberta. Segundo Jerome Bruner (1976, p.13), *“o professor deve*

*sempre estimular os alunos para a descoberta motivando-os a buscarem seus conhecimentos”.*

O fato é que a grande maioria das escolas, hodiernas, não provoca o aluno de modo que ele sinta-se motivado a construir novos conhecimentos a partir de desafios e os educadores devem promover a utilização de experiências concretas que oportunizem os educandos ao conhecimento de fatos práticos e não apenas verbais. A experiência física implica o enfrentamento de circunstâncias da própria comunidade, da escola e da família.

Todavia, se o discente desinteressa-se pela disciplina e/ou pelo professor ou mesmo pela exposição das aulas, ele enfrenta dificuldades e desmotivação em aprender. E com isso os professores angustiam-se e não entendem o porquê da falta de aprendizagem dos educandos, enfrentando ainda a cobrança dos pais e/ou responsáveis, pressionados pelo sistema educacional que só querem resultados, mas não oferecem subsídios para alcançá-los ficando sem saber como agir e que métodos devem ser adotados, e como frutos destes problemas surgem à evasão e a repetência.

Os educadores são os principais agentes destes processos, uma vez que sempre tiveram a opção de serem meros transmissores, ou, incentivadores de descobertas. Ensinar, para Freire (2003, p.16), requer: *“aceitar os riscos dos desafios do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar qualquer forma de discriminação que separe as pessoas, transmitindo a certeza de que todos fazem parte de um processo inclusivo”*. Essa escolha define na prática docente o que reflete a essência motivadora desse educador, onde os mesmos devem descobrir estratégias, recursos para fazer com que os alunos queiram aprender, enfim, deve fornecer estímulos para que os mesmos sintam-se motivados para alcançar seus objetivos.

Segundo Perrenoud (2000, p.25), *“normalmente, define-se o fracasso escolar como a consequência de dificuldade de aprendizagem e com a expressão de uma ‘falta objetiva’ de conhecimentos e de competências”*. O aluno deve ser estimulado a ir além da memorização e da repetição de tarefas, a buscar prazer nas descobertas e nas práticas experimentais. Sendo que a importância de conhecer os impulsionadores e os entraves que impedem a motivação do indivíduo está em possibilitar oportunidades de autoconhecimento e estimular o estado motivacional.

A esse respeito, percebe-se que obter o conhecimento enquanto professor é imprescindível, pois consiste na possibilidade de desenvolver o ensino com dinamismo descobrindo novos caminhos para a interrelação professor-aluno, em busca do respeito, diálogo, numa proposta de estabelecer um comportamento “horizontal”, mútuo e linear, onde todos os sujeitos da comunidade escolar responsabilizem-se pelo sucesso do ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, torna-se possível afirmar que a expectativa do docente está em ter discentes ávidos por aprendizagem e que o ensino permaneça numa constante e incansável busca de novos saberes. Bem como o currículo não limita-se apenas em algo pronto e acabado.

## **3 \_ METODOLOGIA**

### **3.1 Tipo de estudo**

Tratou-se de uma revisão de literatura de caráter bibliográfico descritivo. Gil (2004, p.137) descreve a revisão de literatura como sendo uma ação sobre material já produzido.

As publicações encontradas foram ordenadas como pesquisa e de revisão e, posteriormente, categorizadas. A revisão bibliográfica foi feita mediante análise acurada da literatura aplicada, retirando-se os pontos pertinentes ao tema aclarado, com o fim de justificar as ações apresentadas.

A Pesquisa bibliográfica, para Martins (2001, p.32), “procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em revistas, livros, periódicos e outros. Procura também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema”.

Isto posto, de acordo com os autores supracitados, a pesquisa bibliográfica proporciona o exame de um tema sob uma nova abordagem, chegando a novas conclusões. Demo (2000, p. 22), destaca que “a pesquisa tem como ideia induzir o contato pessoal do discente com as teorias levando a uma interpretação própria”.

Para o desenvolvimento do trabalho, adotou-se como instrumento metodológico um roteiro indicando as categorias de análise a partir das quais foi efetivado o estudo bibliográfico-documental.

Quanto à abordagem, optou-se por uma análise teórica, sob a temática abrangendo três obras de autores consagrados nacionalmente cujos estudos abordam a leitura e a escrita.

### **3.2 Fontes de estudo**

Para a realização da pesquisa elegeu-se como fonte as seguintes obras: Antunes (2003), Cagliari (1999), Freire (2003), Soares (2005), Kleiman (2006), Bakhtin (1979), bem como os Parâmetros Nacionais de língua Portuguesa (2001), dentre outros.

Realizou-se a leitura dos textos sobre o assunto, a partir das seguintes categorias: paradigmas de Leitura e Escrita, Alfabetização, Ensino, Aprendizagem.

### **3.3. Análise das fontes**

Após o acesso às fontes fez-se a leitura de todo o material, compilando-se as informações principais, em categorias de análise.

Em seguida, realizou-se de forma descritiva uma análise dos referidos materiais, visando estabelecer uma compreensão e ampliação do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Todo esse material de pesquisa utilizado consistiu em fundamentos teóricos eficazes para os estudantes e profissionais da educação que dele já fizeram e/ou fazem uso, ou, porventura, pretendam extraí-lo para enriquecimento de fontes diversas de estudo.

Este trabalho procurou seguir seus objetivos, os quais centram-se sobre o processo da leitura e da escrita, refletindo sobre o significado e importância atribuídos às mesmas.

Dessa forma, enfatiza-se que este trabalho respeitou a lei de direitos autorais, comprometendo-se a citar todas as fontes que foram utilizadas para o desenvolvimento, podendo servir de base para outros pesquisadores que tenham interesse pelo tema. Tornar-se de extrema importância, por promover uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, tema que tem permeado discussões nas escolas. Apresenta-se também de bastante relevância para os profissionais da área da educação, que visam uma educação pública melhor, para todos sem distinção, haja vista, ser mais uma fonte bibliográfica disponível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é o grande desafio do século XXI, e para isso, ele precisa ser visto com um novo olhar pelos profissionais da educação, introduzindo nas instituições escolares uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento das duas concepções envolvidas para a aprendizagem da leitura e escrita – a primeira, através de seus usos sociais e o sistema de escrita através da apropriação fonema/grafema, para que tenha-se, assim, resultados mais expressivo em relação ao processo de ensino e aprendizagem de ambos nos anos iniciais do ensino fundamental.

Na sociedade atual, a leitura faz parte do cotidiano do cidadão e está presente em todos os espaços e a todo o momento, cumprindo diferentes funções sociais. Assim, hodiernamente, já não se considera um leitor aquele que apenas declara saber decifrar o código linguístico, mas aquele que sabe usar a leitura para exercer uma prática social e significativa para a vida. Todavia, para acontecer este fato torna-se necessário a escola simultaneamente aos paradigmas tradicionais do ensino da leitura, abrir-se ao novo, adotar uma nova postura de ensinar que provoque no seu aluno o hábito de ler.

Essa relação entre a escola, a leitura e a vida poderia ser muito mais significativa se o professor não se distanciasse tanto do contexto social do aluno. A melhor coisa que deve ser feita para que os discentes gostem de ler é produzir espaços na sala de aula para o manipulação e leituras de materiais escritos variados, onde o aluno possa ter contato com diversos gêneros textuais, que despertem nele o interesse e o prazer da leitura, cumprindo assim funções diferenciadas dentro da sociedade.

Desse modo, ler, tendo em vista as especificidades do processo inicial da língua escrita e oral, é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que se enfrentam nesta etapa da escolarização, porque só assim têm-se professores capazes de operacionalizar em métodos e procedimentos do ensino da leitura e escrita.

Desse modo, Cagliari (1999, p. 178), corroborou com esse pensamento, afirmando que *“a educação na sua essência tem dois métodos apenas: um baseado no ensino e outro na aprendizagem e a verdadeira prática educativa serve-se de*

*ambos, na medida adequada*". Assim, a supressão pura e simples de um ou de outro torna o processo falho, às vezes com consequências sérias.

Embora, todo o processo de aprendizagem da leitura e escrita gire em torno do educando, o professor atua como espelho, sua imagem reflete positiva e/ou negativamente na vida do discente. Percebendo-se desta forma, que o docente que transmite segurança e entusiasmo, consegue contagiar a turma, visto que a emoção e o prazer estão presentes em todas as suas atitudes, e, portanto, o reflexo desse educador ativa a motivação que existe no interior de cada estudante, causando um enorme entusiasmo de aprender o conteúdo que está sendo deliberado, nesse caso, a aprendizagem da leitura e escrita.

Dessa forma, a sala de aula deve ser um espaço de construção desse conhecimento, onde prevaleça a liberdade de expressão, a interação, o entrecruzamento de vozes e realidades, o encontro de diferentes linguagens. E, ainda nela, os alunos devem designar relações com a cultura elaborando diferentes formas de adquirir informações e (re) construir conhecimentos, conceitos e valores.

Portanto, deve-se somar aos argumentos apresentados, enfatizado à necessidade de repensar o ensino-aprendizagem da leitura e escrita e sua concepção para torná-lo significativo enquanto prática social. Servindo de base para outros pesquisadores que tenham interesse pelo tema. Devido à sua importância por vivificar uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, tema que tem permeado discussões nas escolas. Bem como para os profissionais da área da educação, que visam uma educação melhor para toda sociedade catoleense-paraibana-brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- POSSEBOM, Ardina. **Práticas de leitura na educação**. Vargem Grande, 2008.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BELLENGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2004.
- BOSSA, N. **Fracasso escolar: Um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artemed, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação e Desportos. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. 02- Brasília, 2001**.
- \_\_\_\_\_. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC/SEF, 2009.
- CAFIERO, Delaine letramento e leitura: formando leitores críticos. In BRASIL, secretária de educação básica. **Língua portuguesa, V. 19- coleção explorando o ensino-Brasília, 2010. P. 88**.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **O ensino e a aprendizagem: os dois métodos**. In: **Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo. Scipione, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização e Linguística**. Editora Scipione, 1997.
- CHATEAU, J. **O jogo na criança**. São Paulo: Summus, 1997.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria et al. **Leitura: decodificação, processo discursivo...?**. In: CORACINI, Maria J.R. (Org.). **O jogo Discursivo na Aula de Leitura**. Língua Materna e Língua Estrangeira. São Paulo: Pontes, 2002.
- DAYRELL, Juarez, (1999). Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, nº 30, p. 25-39, dez.
- DEMO: P. **Pesquisa: Princípios científicos e educativos**. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2000.
- Escola – **A revista do Professor**. São Paulo, abril, maio/2003, pp. 27 – 30.
- FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Com todas as letras**. 9 ed. São Paulo: Cortez: 1992

FOUCAMBERT, Jean. **A Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam**. 38 ed. São Paulo; Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade**: Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREUD, S. (1917). **A questão da análise leiga (1926)** in: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a educação**. São Paulo: Cortez, 1982.

GERALDI, W. **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

GONÇALVES, H.A. **Manual de Metodologia e Pesquisa Científica**. São Paulo: Avercamp, 2005

HARPER, Babette et al. **Cuidado, escola**. 8ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1992.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto et al. **Metodologia da Investigação**. 5ª edição. 2010.

JALES, Carlos Alberto. **Leitura: janela aberta para o mundo**. João Pessoa: Ideia, 1992.

JR, J. Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**. Teoria e prática. 8 ed. Campinas. SP: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.

KOCH, Ingedore V. & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAGOLO, Heloisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1995, p.58.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 9. ed., 2005.

MARINHO, Marildes. **A língua portuguesa nos currículos de final de século**. In: BARRETO, E.S. **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. São Paulo: Autores associados, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARTINS, G. A. & PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MELO, José Marques de. **Os meios de comunicação de massa e o hábito da leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MOREIRA, Paulo Roberto. **Psicologia da educação: interação e identidade**. 2ª ed, São paulo: FTD, 1996.

MORAN, José Manoel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**, Papyrus, 21ª ed, 2013, p. 27-29

MORE: **Mecanismo online para referências**, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 4 ed. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

OUTEIRAL, José. 2002 p. 119 apud BARBOSA, Laura Mont Serrat, p.63. In: **Psicopedagogia: Um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**. 2ª ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

RIZZINI, I.; CASTRO, M. R. de & SARTOR, C. D. **Pesquisando: guia de metodologia de pesquisa para Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula: Ed. Universitária, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Editora Autêntica, 2005. p.39.

\_\_\_\_\_, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: **Revista Brasileira de educação**. Rio de Janeiro. nº 25, jan, fev, mar, abr, 2004. p.5-7.

SMITH, F. (1989). **Compreendendo a leitura: uma abordagem psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro do. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

*TEBEROSKY, A. e TOLCHINSKY, L. Além da alfabetização. São Paulo: Ática, 1995.*

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura.** Campinas: Pontes, 1995.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.

VIGOTSKY, L.S. A.R. e LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 4. ed. São Paulo: Icone, 1988, p.143.